

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE JANEIRO DE 1904

N.º 119



Marquez de Valdeiglesias

Director da "Epoca", de Madrid — Membro do Senado hespanhol

*Cerramos hoje as paginas que consagramos á visita de Afonso XIII. Não o faremos, porém, sem mais uma vez saudar no juvenil soberano a nação de que elle é o supremo representante. Acolhendo por forma tão bizarra e hospitaleira esse chefe d'Estado de dezesete annos, Portugal deu um passo na civilisação. Mostrou comprehender a sua missão nacional, que hoje deve ter por maxima aspiração a confraternidade entre os povos, baseada na paz, tendo por unico fim a reciprocidade da estima e simultaneamente a dos interesses.*

*Saudando o rei de Hespanha, saudamos a velha e heroica nação a cujos destinos elle preside. E, dando n'esta pagina de honra, o retrato do illustre jornalista hespanhol que presidia á delegação da imprensa hespanhola que accompanhou a Lisboa Afonso XIII, o «Brasil-Portugal» saúda na pessoa do Marquez de Valdeiglesias, os seus confrades de Hespanha.*

# CHRONICA



APARECIMENTO do novo livro do conde de Sabugosa constitue um acontecimento litterario que em toda a parte determinaria largas resenhas e provocaria chronicas desenvolvidas. Para justificar a mais viva curiosidade bastava só a portada sensacional do titulo: *O Paço de Cintra — Desenhos de Sua Magestade a Rainha e Senhora Dona Amelia — Apontamentos historicos e archeologicos do conde de Sabugosa — Collaboração artistica de E. Casanova e D. João.*

O lapiz d'uma rainha formando o desenho, correcto e fidelissimo — como o titulo soberano de S. M. — de porticos e janellas jeminadas, de arcarias e taboleiros de tetos historicos, de recantos tão picturais e artisticos, como o do jardim da Lindarayra e do miradoiro de Meca, — não é occorrença tão vulgarisada que, mesmo em paiz de vida espirital mais intensa e fecunda, deixasse d'impressionar os que escrevem e passasse sem atrahir os que liem livros... os compram. O facto de ser o autor do texto, historico e archeologico, o conde de Sabugosa, — conhecido como um poeta parnasaeo dos mais indicados e um prosador elegante dos mais apreciados, — constituia outra razão capitalissima para despertar a mais intensa curiosidade. Um poeta transformado em archeologo dá a impressão, disparatada, d'um rouxinol que se transmuda em faveira, e canta os cantos das montanhas e das cascas de luar, gemendo d'amores, em trilhos comovidos, — mal fazendo oscillar o seu pulpeiro aerio, formado pela frança delicada d'um raminho d'olmeiro, — como figural-o minando no escuro, abriando galerias complicadas, tramando passagens subterraneas, por entre o labyrintho das raizes do arvoredo e vivendo eternamente sob a terra revolvida...

Se a conjuncção destes factos bastava para interessar pela curiosidade, o modo como o livro satisfaz as exigencias dos mais meticolosos, determinou uma forte corrente d'applausos, em que não entraram propositos de cortezanias palacianas. *O Palacio de Cintra*, se na parte illustrada é d'uma grã delicia artistica, como narrativa historica e documentação archeologica, é um livro definitivo. Ninguém poderá dizer mais; ninguém terá que dizer melhor. O que ainda agora, porém, continha a faltar a esse palacio maravilhoso, povoado de lendas d'amores e asombrosos por escenas tragicas, é um romance novo e um poeta... Walter Scott que fez reviver no encanto da narrativa palpitante e apropriada, os lances commovedores das scenas ali passadas, como no *Castello de Cadzow*, e como nas scenas tragicas da *House of Aspen*; um poeta como Hugo, buscando a inspiração em themas emocionantes, que faça descrições como no *Hon d'Islandia*, e cante como nas *Odes e Baladas*; um poeta que não faça como Garrett, que só ali encontrou digno de venerar a aventura das pérgas palreiras, occorrença que não passa d'um «doce e triste» na vida de todos os patrões que toparam com «pérgas galantes» numa volta de corredor solitario. As lendas sobre aventuras d'estas reproduzem-se ininterruptamente através dos seculos. Se as pérgas, a tal respeito, palraram de D. João I, que é um principe antigo, não muito ha que chairaram, com equal malicia, de mais moderno de todos os nossos principes...

Podem objectar-me, bem o sei, que pedindo um poeta como Hugo e um romancista como Scott, apresento uma exigencia desmedida, que não friza pelos rasgos ambiciosos... a natureza das grãtias. Peço licença, porém, para retrucar que n'esta ordem de reclamações não se pedem... meias dúzias. A economia do *restaurant* que se preste á lista reduzida, pôde servir para equilibrar a bolsa com as reclamações d'um estomago resignado, — mas o espirito não se restringe a medidas d'orçamento bem organizado. Ou tudo ou nada. A melhor das demonstrações de que esta é a para o caso, a teoria verdadeira, resulta até, com um singular proposito, do parallello e do exame, de dois homens e dois livros: — os que escreveram a historia do palacio de Cintra, — o abade de Castro e o conde de Sabugosa.

O abade de Castro, Antonio Damaso de Castro e Souza, era um amigo de Garrett, que o sagrou homem de grande saber e o fez acadêmico de notavel nomeada. Todas as sociedades litterarias o disputavam: era da academia das bellas artes, do conservatorio real, da sociedade d'archeologia lusitana. Todas as sociedades fidalgas o cortezavam: era hospede assiduo dos palacios da nobreza, frequentador desejado em todos os camarotes aristocraticos de S. Carlos, pessoa obrigada a apresentação nos estrangeiros illustres que visitavam o paiz. De vez em quando, e confirmada a sua altissima reputação, o abade exordia a sua sabença n'um opusculo... por exemplo, o *Escudo-simbolico* d'uma transcendência indistinctivel, como foi, por exemplo, o *Escudo-simbolico dos reis, rainhas e infantas que teem governado este reino* — e a *Origem da guarda real d'albardeiros, hoje archivos do paço*. Oito paginas d'impressão, o primeiro, vinte e quatro, o segundo. Cada vez que o erudito averiguador d'estas cousas urgentes, lançava a publico as suas opiniões, renovavam-se os louvores á locubrãção tão preciosa. Apontavam-n'o a dedo. Desviavam-se, na rua, para dar-lhes passagem quando se cruzavam

com elle, — sempre aperaltado e solemne, sempre mirando-se prosumpso e satisfeito de si, com aquelle ar triumphante e imponente, que no nosso mundo ecclesiastico tem hoje representação no papa de Cintra, o archiepiscopo de Bethsaida. O principe de Raczynsky foi um dos que teve de vir bater á porta do preciso abade, para esmolir informações autorizadas e o habilitassem a organizar o seu *Diccionario historico e artistico de Portugal*.

Foi no meio de todas estas glorias e triumphos que o abade de Castro publicou, para os fortalecer e consolidar, a sua obra maxima, a sua obra de maior folego: *Descrreção do palacio real e da villa de Cintra*. O archiepiscopo illustre e reconhecido, d'esta feita alargou-lhe o seu livro... trinta e nove paginas, que se reputaram repositório riquissimo d'averiguações inéditas.

Tal era o volume que até hoje se tinha como mais autorizado em informações sobre o *Palacio de Cintra* — e que eu conservava ali, n'uma estante, como fonte segura, embora minuscula, para desdentar os que ardiem na curiosidade de averiguações, conquistadas laboriosamente, a respeito do regio paço de Cintra. Tinha aquillo na conta d'um escripto de egresso desavendo do bom e correcto estylo, mas de ouro de boa lei no tocante aos informes ali archivados. A investigação paciente e conscienciosissima do conde de Sabugosa, mostrou-me, agora, até que ponto a minha boa fé andava illudida por este abade, que Rebello da Silva, tão espiritualmente, introduziu no seu romance *A mocidade de D. João V*, com a chrisma transparente de abade Silva, — descrevendo-o, physicamente, como um bom modelo para um pai de D. João V. Chrysostomo plantado e, intellectualmente, como um pai de D. João V. Chrysostomo que cultivava, por igual, a arte poetica e a arte de cozinhar, os tratados de sciencia e os rotetos dos bailes. Não resisto a transcrever um trecho:

«O erudito cobria a pobreza do espirito com a dignidade perpendicular da pessoa, e affectava a sciencia infusa, esbucando as phrases, se deixando as cahir como perolas. Era autor de cinco tratados no estylo da magreza de D. João V, e de mais de dez e ainda mais pela esquisita puerilidade dos assumptos.

«No primeiro confiou dez annos de aturadas investigações nas «minhas historicas para averiguar se aceso certo vice-rei da India morrera de bezigas doudas ou de sarapam. Na segunda (a obra prima) doze annos consumidos em apurar a natureza do milagre que despegou as pernas d'Alfonso Henriques, pareceram-lhe doze mezes. E para este mesmo fim, a sua época, de desolção, de um regramento de «dozinhos, que era, dizia elle, uma doação authentica do punho do conquistador de Lisboa, de *mui buena letra*, na qual se declara ter sido «curado sua merecê el-rei pela virtude da famosa receita da podgrã «achada na caveira de Santo Thyro pelo seu aio Egas Moniz.

«Treceiro opusculo (cousa sublime!) reunia uma colleção de máximas e autographos de todos os reis de Portugal, começando em Luiz «e Abidiz, e acabando em D. João VI, que vingou os reinos gatafuchados do escripto de caligraphia. Finalmente, as paginas mais variadas da sua penna eram sem questão dez memórias consagradas a provar «que as barbas de D. João de Castro estavam ruivas quando as espolhou em Goa, e sahiram pretas quando as resgatou.»

Não é sem um certo prazer que eu reedito aqui esta monumental sarabanda no abade trapalhão, — hoje que tive occasião de ver no *Palacio de Cintra*, que elle errou lá, transformou nomes, apresentou pinturas e dourados no reinado de D. João I que nasceram e brilharam em tempo de D. Afonso V — e se extasiou com pinturas e dourados, apresentando como seculares, quando em verdade, pinturas e dourados varias vezes foram renovados no periodo largo da sua referencia. E em trinta e nove paginas o abade introduziu erros, falsidades, anachronismos... que davam que fazer para obra de grande tomo. Vão lá liar-se em archeologos consagrados e condensationes de sciencia! Vão lá sustentar o espirito com as *meias dúzias* fornecidas por um hoteleiro barato!

O plano geral em que assentou o livro *O Palacio de Cintra*, obedeceu a um traçado largo, absolutamente diverso do intento acanhado e de espirito restricto, que inspirava e dirigia o archeologo engrandecido por Garrett.

Por isso mesmo o escriptor d'agora fez um livro magnifico e interessante, com o que o abade de Castro só fizera um opusculo desenhado e erivado de erros. O conde de Sabugosa fez-se archeologo para averiguar as origens, fez-se historiador para expressar, com criterio, a philosophia das occorrenças, mas não deixou de ser poeta para revestir a narrativa com a harmonia cantante da linguagem, quando topava com os assumptos multiplos que enlram na historia do *Palacio de Cintra* a historia da vida nacional. A obra não se restringe ás direcções de que foi o mestre Boitaca quem formou os cumbeas e pilares para as obras do Paço, nem ao inform «dos rezes que pelas obras pagou o almoxarifado». Descreve-nos as festas e as ceremonias ali realisadas; conta-nos as occorrenças de Evora, d'Almeirim, da Alcaçova de Lisboa e dos Paços da Ribeira, que tiveram seguimento ou origem em Cintra; reproduz-nos as trovas do Cancioneiro, que ali foram inspiradas; conta-nos as intrigas e os amores, — e em quadros as-



sim, palpantes de interesse e cheios d'animação e vida, assistimos á resurreição de todo um passado animado e engrandecido por episodios memoráveis.

Depois d'aprofundar as origens, explica-nos as reedificações, os amplamentos, as transformações. Esboça-nos a lenda como prologo á informação historica. Entrado, afinal, no periodo mais illuminado pela documentação authenticada, faz desfilar perante nós a vida nacional, a vida dos reis e a vida do povo, no periodo que vai de D. João I a D. Afonso VI, desde que no leito regio dormiu, na serenidade do triumpho, o neto de Barbudo, até que no thalamo violado, passou longas noites d'insomnia, o prisioneiro do proprio irmão e da esposa divorciada. São 298 annos, abrangendo IX capitulos, que se leem com soffreguidão, e em que podemos encontrar discordancias d'opinião,— como a mim me succede na parte referente a D. Sebastião — mas que representam um dos estudos mais conscienciosos e mais honradamente expressos que as lettras patrias archivam. Os que espicacoes pela malicia, buscarem o



(Gibete de Antonio Novais)

Antes da caçada  
S. M. a Rainha de Portugal e S. M. o Rei de Hespanha

cortejo no historiador, perderão a pesquisa e terão de reconhecer a imparcialidade e o apuro de caracter do homem, que, por ter na corte um logar primacial, não forceu conceitos, nem estrangulou erros, para envredar pela lisonjaria aos reis, que serve, e á nobresa, que hoje o tem por um dos seus chefes palatinos.

Se a parte do livro que se intitula *Visita descriptiva* é um repositório de preciosissimas informações, a parte que se chama *Historia*, é um archivo riquíssimo, de molde a fornecer, prodigiosamente, os que tratam d'explorar, no theatro e no romance, scenas de outros tempos, especialmente enriquecidas com o atractivo historico. Sob este ponto de vista, tenho para mim, que não tardaremos a ver nos palcos nacionais, episodios alli recolhidos, e que darão ao theatro peças tão interessantemente copiadas



Gibete de Antonio Novais

Em Villa Viçosa — El-rei atirando ás perdizes

do passado da nação—como as de D. João da Camra, Lopes de Mendonça e Marcelino de Mesquita nos *Peraltas e Secias*. E não é porque em outros livros, que elles certamente estudam e folheiam, não pudessem recolher informaes e observar as impressões que alli se comprehendem ou suggerem. E porque em parte alguma, personagens e factos, se enfileiraram mais de molde, e com melhor ordem, para a exploração theatral.

Ha scenas feitas, episodios trapados, personagens desenhados em toda a saliencia. Exemplos:

— O conde D. Henrique, *exerço torto*, vendendo-se e revendendo-se, recebendo Cintra, d'um, e alcançando, d'outro, o condado de Montalegre e o senhorado de Menezes, dá para o theatro o typo perfeito do vendilhão medieval, sem escrúpulos e sem moral, explorando as paixões alheias em troca do melhor proveito nas ambições proprias;

— A conversa de D. João I com o Prior do Hospital, e a scena em que elle — com a ajuda do rolo de fita, a esudella e as favas, — figura o mappa explicativo para a conquista de Ceuta, é um episodio theatral, d'uma originalidade e d'uma communicabilidade d'impressões, como melhor o não poderia idear um dramaturgo experimentado;

— As scenas e as intrigas das duas castelhanas, que são mulheres de D. Duarte e de D. Pedro, ambas gravidas e ambas atalocadas



Marquez de Guell y Bourbon

1.º Secretario da Legação de Hespanha em Lisboa



(Gibete de Antonio Novais)

El-rei Afonso XIII examinando a coça

d'ambições, uma no throno e outra no degrau immediato, procurando vencer-se em persistente luta infatigavel, — dá, para a figuração no palco, quadros de relevo intenso e a expressão exacta de paixões que



Gibete de Antonio Novais

S. A. o Principe Real examinando o resultado da caçada





(Clube de Antigos Novatos)  
*A saída do almoço, em Cintra, oferecido a Afonso XIII  
 S. M. a Rainha D. Maria Pia pelo brço do conde de Tarouca*



*Partida de Afonso XIII para Villa Viçosa — No Cais das Colunas*



(Clube de Antigos Novatos)  
*A despedida — Partida de Villa Viçosa*



(Clube de Antigos Novatos)  
*No Tejo — No dia da partida do rei de Hespanha*



(Clube de Antigos Novatos)  
*S. A. o Principe Real atirando as perdizes*



(Clube de Antigos Novatos)  
*O desembarque do cruzador «Carlos V» — Depois do almoço  
 oferecido por S. M. o rei de Hespanha*



(Clube de Antigos Novatos)  
*No Castello de S. Jorge — Os dois reis — Conselheiro Wenceslau  
 de Lima; Ministro dos Estrangeiros*



(Clube de Antigos Novatos)  
*No museu de artilharia — Esperando o rei Afonso XIII  
 El-Rei, Ministro dos Estrangeiros, Dr. Pereira e Cunha, Coronel Duval Telles  
 e Ministro da Guerra*



(Clube de Antigos Novatos)  
*Os reis de Hespanha e de Portugal, em Belem, aguardando  
 o comboio para Cintra*



animavam as damas da epocha, aspirando todas a ter, para si e para o filho das suas entranhas, o dominio e a posse d'um throno cubigado;

— A reunião do conselho, em tempos de D. João II, solemne mas animada, para que os servidores da religião, intransigente, pesem as vantagens su ponderem as inconvenientes, que resultam da acceitação ou da negativa, do impio diuheiro dos judeus, que aspiram a voltar ao reino,— dá bem para um acto interessantissimo, d'effeito scenico assegurado;

— Os amores de D. Manuel com a *Dama Alentejana*,— personagem tão mysteriosa como o *Mascara de Ferro*,—dama, que ficou sem nome no seu sepulchro d'Odivellas, tal como aconteceu ao prisioneiro de Luiz XIV, o que, por isso mesmo, tem sido variado, em hypothese e versões multiplicas e de duvidosa autenticidade—não dava um drama da mais intensa paixão e merecimento? Não seria bello julgar n'um acto, como episodio do tempo, uma d'essas ceias de singular fartura, em que, aos postres, chegavam mensageiros annunciando ao rei venturoso, em vez d'um novo prato um novo imperio a mais—visto ter sido assim, que lhe veiu a noticia da expedição do Gama e da aventura triumphante com que Alvarés Cabral lhe deu o Brasil?! E para alegrar o quadro, n'uma scena risonha, constituindo um parentese aberto para explicar costumes passados, não ficaria bem, após o caso dos amores de Jorge da Silveira e de Nuno Pereira com D. Laura da Silva,— um muito cuidadoso, outro muito suspiroso, petecionando os dois á sua dama para sentenciar qual d'elles estava em maior risco de morte? A organisação e as peripecias do tribunal, convocado pela senhora disputada a fim de se pronunciar sobre o pleito, são d'um corte genuinamente theatral,— mas que se reproduziu por muitos seculos alem. Eu proprio, que lhes estivo escrevendo, ainda conheci e tratei uma velha senhora, que, contando aventuras da sua mocidade, me explicava como os galanteios que merecera se formulavam, como no tempo de D. Laura da Silva, em petições juridicamente rigorosas. A carta d'amor, confidenciava ella, que um lhe dirigira, era assim:

«Senhora :

«Diz o amante, *queixoso*, morador no logar dos *tormentos*, comarca de *smartyras*, que passando pelo *alcaide* de vossos olhos, por elles se sentiu preso. Pretende, pois, passar á sala do vosso amado peito, para lá receber um amor perfeito.

E. R. M.

J. BARBOSA COLEN.

A boa velhinha, contava-me que ao requerimento puzera este *despacho*, devolvendo tudo... á parte peticionaria :

«Na estima sou facil, no aborrecer constante, mas no bem querer — só quando a razão o permite.»

Não quero alongar-me mais na indicação do muito que ha a extrahir para o romance, para a poesia e para o drama, do precioso livro o *Palacio de Cintra*.

O que fica ligeiramente esboçado, parece-me comprovar o muito que ha a recolher d'aquella mina de filões abundantes.

Reservei para o fim dizer que o producto da venda d'este livro, elaborado com tilo esmerado carinhoso e enriquecido com uma régia e artistica collaboração, é destinado a arresarcir os recursos do mais sympathico e mais util dos institutos caridosos — aquelle que se destina, pela lecta scientifica, a resgatar da morte, prematura, crudelissima, os que foram atingidos pela destruidora tuberculose. Esta indicação, para os que no Brasil me leem, sei eu bem que é a melhor das recommendações. De resto, enriquecer a propria bibliotheca com um livro superiormente feito, e enriquecer, simultaneamente, o sanatorio dos tuberculosos com um auxilio assim offertado,— é juntar a um requintado gozo intellectual, o prazer, espiritalissimo, d'uma esmola productiva, mandada de longe aos que soffrem, de doença e de pobreza, na terra bem amada da patria. O cerebro e o coração, n'este caso, aliam se n'uma perfeita mutualidade de serviços: um ganha conhecimentos uteis, o outro, como que se engrandece, ensanchando-se com beneficios profucos.

Aos que devem tudo ao espirito de honra sempre mantido nas suas transações commerciaes, — mas que bastas vezes terão soffrido de recontros e sobressaltos com os riscos do capital em jogo —, afugurar-se-ha, com justiça, ser a sociedade commercial que lhe indicamos, a unica não sujeita a desfalques.

Nada pôde desmanchar a capitalisação que se formou com o estudo; não ha lances imprevistos que destruam a satisfação intima que o bem fazer arrecada. Os dividendos aqui são certos... E ninguém tem melhor comprovado que é n'esta legislação altruista que se inspira o codigo commercial que os regos, do que aquelles que no Brasil tem provado, em tantos exemplos de fidalga bnanria, a sensibilidade inalteravel dos seus corações portuguezissimos.

## Colonia brasileira no Porto



Banquete em 15-11-903

Dr. Alberto Conrado, Consul do Brasil no Porto — Tenente-coronel Frederico Augusto da Gama e Costa — Joaquim Ferreira Cardoso — Manoel Duarte de Azevedo. — Dr. Eugenio Augusto Dias Colonna, Vice-Consul do Brasil em Villa do Conde — Avelino da Silva Rios — Francisco Ferreira da Silva — Francisco Teixeira Machado — José Augusto da Silva Ribeiro — Arthur Sequeira Pinto — Julio Barros Mourão — César Marques dos Santos — João Marques Saldanha — Alberto Alexandre Montenegro — Antonio Fernandes de Sá Eiras — Manoel Joaquim Vieira de Mattos — Dr. José Joaquim Vieira Filho — Manoel José Cardoso — José Pinheiro — Carlos José Gomes Brandão — Antonio da Costa Ramalho — Mario Miranda — José Marques Marino — Ebas Aneida — José Tasso Ferreira de Souza — Heitor Esteves Brandão — José S. Esteves Brandão — Adriano Telles — Adriano da Costa Ramalho — Eduardo de Souza Dias — Manuel Arnaldo de Castilho — Francisco Rigaud Nogueira — Raul Conrado — Antonio Tavares Bastos, Vice-Consul do Brasil no Porto — Ernesto Francisco Velho — Domingos de Souza Cardia Junior — Rolo Lagos, Vice Consul do Brasil em Braga



# POLITICA INTERNACIONAL

A movimentação política europeia d'estes ultimos mezes tem nos impedido de prestar a devida attenção ao que em outros continentes se está dando, e cuja importancia está talvez destinada a ser bem grande para todo o mundo civilisado. Encontra-se n'este caso a revolução no istmo de Panamá, que teve como consequencia immediata a separação d'este territorio da republica da Columbia.

Apparentemente a transformação por que a America central acaba de passar, nada tem que seja extranho, e os methodos de que estamos acostumados a presenciar em terras hispano-americanas. E' uma revolução mais para juntar ás tantas, que constituem a ininterrompida serie de convulsões politicas d'aquellas irrequietas regiões. Amanhã naturalmente uma revolução em sentido contrario desfará a obra da de hoje, e fechar-se ha outra vez o predestinado cyclo para d'ahi a pouco trecho recomear de novo e assim successivamente. Isto é o que parece á primeira vista. O que é na realidade, porém, e o que significa a actual revolução do Panamá vamos dizel-o aos leitores.



E antes de mais nada convem accentuar bem um ponto, que só por si basta para differenciar a presente revolução panameña, não só de todas as que precederam a que agora se faz, mas tambem de todas as revoluções sul-americanas. Entanto que estas, com effeito, tinham apenas feição nacional, local até por vezes, a revolução do Panamá assume caracter internacional pela ostensiva intervenção dos Estados-Unidos, que tomaram muito de proposito a responsabilidade do novo estado de cousas no istmo pelo apressado, iamós a dizer soffreg, reconhecimento do governo revolucionario. Ora é precisamente n'este facto que consiste a importancia e a gravidade d'esto que está a acontecer.

Que a revolução do Panamá é o resultado dos Estados-Unidos, não ha ingenuidade que o possa ignorar. E diga-se em abono da verdade que agora, como quando foi da guerra com a Hespanha, o governo da União, pouco de parte todos os melindres e todos os recatos, em que no velho mundo a diplomacia costuma a menos envolver as suas machinações, parece fazer gala e ostentação do mais soberano desprezo por tudo quanto vem de encontro ao seu interesse. E' brutal, mas tem ao menos a virtude de ser franco. Por isso o presidente Roosevelt se apressou com uma semcerimonia sem precedentes nos annos da historia moderna a trocar publicamente pela mercê do reconhecimento do novo estado o tratado para a cessão do territorio, em que o canal tem de ser aberto com os correspondentes direitos de soberania. Sobre este ponto é inutil discutir. O governo de Washington com o seu procedimento summario tornou superflua qualquer outra explicação dos factos occorridos no Panamá.



Desde a abrogação do tratado Clayton-Bulwer e da sua substituição pela convenção Hay-Pauncefote que os Estados-Unidos estavam preparados para o passo decisivo, que acabam de dar. Com a Columbia ou com a republica do Panamá o resultado é exactamente o mesmo, desde que a Inglaterra se desinteressou do assumpto, ou antes com grande sagacidade percebeu que era do seu proprio interesse renunciar ás vantagens, que o tratado Clayton-Bulwer lhe conferia para a abertura do canal. A teimosia, porém, do governo de Bogotá forneceu pretexto para que os Estados-Unidos resolvessem a questão de modo mais radical, porque agora não só a União fica inteiramente senhora da nova via de comunicação, que vai abrir-se e que em qualquer occasião ella póde fechar á vontade para as demais nações, senão que estabelece o seu protectorado sobre uma parte da America central, collocando o Mexico entre dois fogos e ficando de sentinella, n'uma posição strategica admiravel, a toda a America do sul. E' um avanço mais no caminho em que a poderosa republica entrou depois da guerra com a Hespanha. As Antilhas, as Philippinas e a America central vão ser apenas o ponto de partida de novas aquisições, porque desde que o imperialismo norteco a politica da Casa Branca, não se póde prever ao certo até onde chegará o seu appetite devorador.

Parece que os estados da America do sul comecem a comprehender o perigo da situação para elles. Pelo menos a linguagem da imprensa, sobretudo da chilena, deixa perceber bem o receio de que o protectorado do Panamá seja apenas o prologo de mais largos empreendimentos no continente americano meridional. Até agora os esforços da Columbia para encontrar aliados, que lhe permitam reagir contra a extorsão de que foi victima, tem sido baldados. Boas palavras, platonicas condolencias, protestos de sympathia sem perspectiva de qualquer consequencia pratica é tudo quanto por ora a republica expoliada recebe e provavelmente receberá. Mais uma vez o egoismo triumphna nas relações internationaes. Quem só remotamente é ameaçado, não se sente com disposições de comprometter o presente por amor de um futuro, que ainda vem longe. E por isso se torna impossivel uma colligação das republicas sul-americanas contra a absorvente republica do nordo. Chile mostra tendencias mais boas e honestas; mas é claro que desacompanhado tem de renunciar a qualquer iniciativa. E no entretanto no dia em que o Mexico, a Republica Argentina, o Brazil e o Chile, sem fallar nas outras republicas de some-nos importancia, como o Peru, a Bolivia, a Venezuela e a Columbia se unissem, os Estados-Unidos haviam de vêr-se forçados a modificar os seus processos diplomaticos, e a tratar com menos altanería os mais rudimentares preceitos do direito internacional.

Depois de por algum tempo ter parecido caminhar para uma conciliação, eis que repentinamente surge com o caracter ameaçador de

rompimento immediato o conflicto russo-japonês. E' possivel que ainda d'esta vez a guerra se evite. Mas, se são verdadeiras as noticias que do Extremo Oriente nos chegam com caracter semi-official, a paz só se póde conseguir cedendo a Russia ás exigencias do Japão, o que dada a politica tradicional do imperio moscovita se affigura pouco provavel. Em todo o caso o haver ou não haver guerra depende, conforme os telegrammas de Tokio accentuam, da resposta definitiva da Russia á ultima nota do governo do Mikado. Qual será o teor d'esta resposta? Não é facil conjectural-o. Se a Russia se sente a mais forte, se vê que póde contar com decidida superioridade tanto por mar como por terra para levar a melhor no primeiro choque, é indubitavel que a resposta ha-de ser de molde a forçar o Japão a romper as hostilidades. Será a repetição da tactica bismarckiana em 1870 para com a França. Se pelo contrario, e não obstante as espalhatosas demonstrações navaes e terrestres do almirante Alexiev, a Russia reconhece a sua inferioridade militar para conter o impluso guerreiro dos japonezes, dará uma resposta evasiva, procurando ganhar tempo por meio de novas negociações.

Mas qual dos dois imperios é não a mais forte, porque sob este ponto de vista não póde haver duvidas, mas o superior no momento actual e para a hypothese dada? E' difficil dizel-o.

A Russia tem recursos infinitamente superiores. O Japão, porém, ha muito que se prepara em silencio, e póde proporcionar-nos agora a mesma surpresa que por occasião da guerra com a China, em que a situação dos dois contendores tanta analogia apresenta com a de agora.



Foram os factos occorridos na dieta japoneza, que aggravaram subitamente a questão. O governo levou o imperador a lêr um discurso da corôa á camera, que profundamente desagrados aos representantes do paiz, pelo tom brando em que estava redigido. Acto continuo a assembléa approvou por unanimidade uma resposta á mensagem imperial de tal maneira concebida, que era a um tempo voto de desconfiança ao governo e quasi que uma declaração de guerra á Russia. Persistindo no seu papel de moderador o Mikado em vez de dar a demissão ao ministerio, o que importaria o rompimento immediato das hostilidades, dissolveu a dieta apesar de ella ter sido recentemente eleita, convocando a dieta nova para o mez de março do proximo anno. D'esta maneira ganhou o governo tempo para proseguir nas negociações; mas é indubitavel que a attitude da dieta, embora não possa influir officilmente na marcha dos acontecimentos, ha-de impôr-se aos negociadores japonezes, que ficaram sabendo que o paiz não está disposto a fazer novas concessões á Russia. Que o ministro que tentasse fazer-se contra vontade da nação seria violentamente derribado, provocando talvez uma revolução.



Em que consiste actualmente a divergencia entre os dois imperios? Parece que apenas a respeito da Coréa. Relativamente á Manchuria está o Japão disposto a reconhecer os factos ali consummados pela Russia, se esta potencia reconhecer por seu turno o protectorado japonês em toda a Coréa, e não sómente em parte d'ella como os russos propõem. O que o Japão não consente é que a Russia por qualquer titulo e sob qualquer pretexto se installe militarmente na Coréa, ainda que em dois simples pontos fortificados e nada mais. E' a respeito d'esta exigencia, que a Russia continua a resistir. Não é facil n'estes termos, mantendo-se de parte a parte a mesma intransigencia, encontrar solução pacifica para o conflicto. Um dos dois contendores tem que ceder, porque a divergencia é irreductivel.



A questão da Coréa, sobretudo para a Russia, não passa de simples pretexto. Do que realmente se trata é do predominio no extremo Oriente. Ambos os imperios aspiram a elle.

A Russia funda-se para as suas pretensões sobre a Coréa na necessidade de assegurar a livre comunicação por terra entre Vladivostok e Porto Arthur, comunicação que ficaria interrompida de inverno, caso os japonezes viessem a dominar em toda a península coreana. Pela sua parte o Japão sustenta ser para elle questão de vida ou de morte a posse da Coréa, pelo menos a parte que elle possue, e que esta região é geographicamente como que a continuação das ilhas japonezas. Politicamente torna-se indispensavel tambem para a segurança do archipelago fronteiro. São estes os argumentos que de um e outro lado se produzem. No fundo, porém, ao que ambas as nações aspiram é a exercer a hegemonia entre a raça amarella. E qualquer que seja a solução que a contenda venha a ter, não podem deixar de ser importantissimos os resultados d'ella. Se vence a Russia, até onde chegará o colosso com mais este accrescimento de territorio e de prestigio entre os povos asiáticos? Se pelo contrario a victoria pertencer ao Japão, é evidente que nós vamos assistir á reconstituição dos povos de raça amarella sob a direcção do imperio do Mikado, que ficará sendo uma especie de suzerano da confederação mongolica, á qual sómente a China pela sua parte levará o contingente de 400 milhões de homens. E perante qualquer das hypotheses qual será a situação das nações do Occidente n'um futuro não muito remoto?









Cliché de Antonio Novais

CAÇADA EM VILLA VIÇOSA — Grupo da Família Real com S. M. El-Rei D. Affonso XIII, comitivas e convidados



# Sciencia

## O COMBATE DAS SEZÕES

**A**s *sezões*, *malaria*, *paludismo* ou *sezonismo*, é uma doença infectuosa específica, causada pela pullulação no sangue de uns certos protozoários, que vivem nos corpusculos sanguíneos.

Uma das suas principais manifestações é a *febre*, que recebe nomes diferentes, segundo a maneira como se succedem os acessos. Cada um d'estes apresenta tres estadios: o de *calafrio*, o de *calor* e o de *suor*.

Quando o acesso apparece todos os dias, diz-se que a febre é *quotidiana*; se surge um dia sim e outro não, diz-se *terça*; e quando entre cada acesso ha dois dias de intervallo sem manifestação febril, chama-se *quarta*.

Cada um d'estes tipos de febre é causado por um parasita especial; e todos vivem nos globulos rubros do sangue á custa da *hemoglobina*, elemento de importancia capital para a nossa existencia.



Fig. 1. — Larva de Anopheles

ções acastanhadas, que não são mais do que os residuos indigeríveis do globulo rubro.

Cada um dos recém-nascidos vai por sua vez invadir um novo globulo e produzir ali iguaes estragos aos do primeiro. O acesso significa precisamente o que o parasita malarico se divide.

Fica-se assim comprehendendo facilmente a que são devidos os diferentes tipos da febre acima mencionados. E' a duração que o seu agente leva a evolucionar. E pode até succeder que mais de um d'estes agentes infectem o individuo, dando assim origem a formas compostas.

Todos estes factos, demonstrados pela observação, eram já acquisições valiosas para o estudo do paludismo; restavam porem ainda pontos obscuros na vida do parasita.

Como é sabido, os seres simples, — e simples são os hematossórios do paludismo — podem multiplicar-se durante um certo numero de gerações, dando origem a outros seres perfeitamente identicos. Mas succede que, em certa altura, essa a sua facultade de multiplicação, e elles envelhecem e morrem. Para que possam continuar a viver é necessario que intervenha a fecundação, a qual é precedida da diferenciação sexual. Certos elementos tornam-se sexuaes masculinos, outros sexuaes femininos, e da fusão d'estes dois organismos incompletos resulta um unicelular completo, susceptivo de continuar a multiplicar-se pelo modo acima descrito.

Se não fosse a fecundação a especie viria a morrer por esgotar ao cabo de um certo numero de gerações.

Ora com o parasita da *malaria* o que acontece? Ao passo que uns se multiplicam asexualmente, outros differenciam-se, adquirindo parte d'elles os caracteres de elementos masculinos e outra parte os dos femininos. Tendo porem os sabios observado que esses diversos elementos nunca vinham ao contacto no sangue, e sendo certo que, não intervindo a fecundação a especie desapareceria fatalmente, restava para se ter a noção nitida da vida do parasita descobrir o local das suas nupcias.

Essa descoberta brilhante deve-se a Ross Grassi, e seus collaboradores.

A fecundação dos parasitas malaricos realisa-se no estomago de uma determinada especie de mosquitos.

Sigam-os na sua viagem de nupcias. Sugados com o sangue em que

vivem pela trompa dos mosquitos denominados *anopheles*, os parasitas masculinos, animados de rapidos movimentos, vão no estomago d'estes insectos ao encontro dos femininos, em cujo interior penetram. A femca assim fecundada vai alojar-se na espessura da parede do estomago;ahi, convenientemente protegida por uma especie de involucro, dá nascimento ao parasita, que cresce e se reproduz; e ao contrario do que succede na geração asexual, o numero dos novos individuos é avultadissimo.

Quando os *esporositos*, — que assim se chamam os parasitas nascidos por fecundação — attingem o seu completo desenvolvimento, accumulam-se por milheas nas glandulas salivares do *anopheles*; e se este mosquito pica o homem, ao introduzir-lhe no organismo um pouco de saliva, despeja ao mesmo tempo os *esporositos* que ella vehicula.

Chegados ao sangue do homem, os parasitas, agora fortificados productos de uma fecundação, passam a multiplicar-se por simples divisão e a invadir o globulo. Com a primeira multiplicação apparece o primeiro acesso febril denunciador da infecção pelo hematossorio.

E assim se fecha o cyclo genesiaco do parasita malarico: quer dizer: — o *anopheles*, sugando o sangue de pessoa que tem o paludismo, recebe d'elle os parasitas, infecta-se. Passado algum tempo, ferindo com o seu proboscide (trompa) um individuo são, ao depor na ferida feita uma gotinha de saliva, como faz sempre, infeciona-o com os parasitas accumulados na saliva.

Estes factos, que tem sido confirmados pelos mais notaveis observadores, fizeram do paludismo uma doença contagiosa, transmissivel por meio do mosquito da especie *anopheles*. E é caso digno de nota que antes da sciencia haver demonstrado o papel que o mosquito desempenha no contágio da *malaria*, já os camponezes italianos ligavam a sua apparição á presença d'esses insectos, e na Africa Oriental designam-se com uma só palavra o paludismo e o mosquito.

Em Portugal, nas localidades que visitámos onde o mosquito *anopheles* abunda e faz grandes estragos, nunca encontramos entre os natu-  
raes qualquer suspeita sobre a sua damninha intervenção.

Passando do sangue do homem ao corpo do mosquito, o parasita da *malaria* carece, para viver no seu hospede, que a temperatura do ambiente seja superior a 20°, como demonstrou Grassi. Sendo inferior, em vez de realisar a fecundação, succumbe e é digerido por aquelle que o hospede.

Isto explica por que o paludismo reina somente nas estações mais quentes, e permite conceber-se que em sitios frios possam existir *anopheles* e impaludados, sem que os mosquitos deem logar ao contágio.

Quereraõ porem estes factos dizer que o mosquito seja o unico transmissor do paludismo? Não. Significam apenas que é um dos transmissores e que é certamente o meio mais importante.

A prophylaxia racional do paludismo está pois na guerra ao mosquito.

E' natural agora que travemos ligeiro conhecimento com o inimigo contra quem temos de lutar.

Os mosquitos são insectos pertencentes á ordem dos *dipteros* e constituem a familia dos *cúcidéos*. Como um grande numero de outros insectos, os mosquitos apresentam no seu desenvolvimento um phenomeno muito interessante, — mudança de forma e de estrutura, a que se denõ o nome de *metamorphose*. Ao sahir do ovo o mosquito está no estado de *larva*; assimella-se então a um verme. O corpo é molle, alongado, composto de uma serie de aneis, e a cabeça é provida de mandibulas poderosas. (Fig. 1 e Fig. 2).

Depois de ter vivido neste estado durante um certo tempo, passa á phase de *nimpha*, immobilizando-se e cessando de alimentar-se. Finalmente, um ou dois dias depois a *nimpha* dá sahida ao insecto *perfeito*, alado. (Fig. 3 e 4.)

As duas primeiras phases, a de *larva* e a de *nimpha*, são passadas na agua, e a conformação do insecto é perfeitamente adequada a esse meio.

O insecto perfeito tem o corpo dividido em tres partes distinctas: a cabeça, o thorax e o abdome.

De forma arredondada, unida ao thorax por um curto e delgado pediculo, a cabeça supporta diferentes apendices, — as antenas e as peças buccaes. E' quasi toda occupada por olhos, que como quanto muito proximos nunca chegam ao contacto.

As antenas são longas, articuladas e guarnecidas de pellos, que pela sua disposição tornam-se facil conhecer-se o sexo do mosquito. Na femca são curtos e pouco abundantes (Fig. 5 e 6), ao passo que no macho são muito compridos e numerosos (Fig. 7). Os apendices buccaes dispostos na parte mais dianteira da cabeça, constituem um complicado systema, destinado a pica e a sugar, e constam essencialmente de um prolongamento medio, rigido, ladeado de dois apendices, — os palpos.

A trompa, a que em linguagem tecnica se chama *proboscide*, tem



Fig. 3. — Anopheles claviger

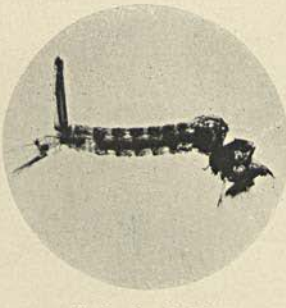


Fig. 2. — Larva de Culex



uma bainha, que rodeia um certo numero de estyletes, e é a base de um d'elles que vem dar os canaes salivares. Essas glandulas estão alojadas no thorax, e tem tres partes distinctas no *lobos*, das quaes duas segre-gam saliva necessaria á digestão dos alimentos, e a terceira segrega um liquido, cujo papel é impedir a coagulação do sangue e supprimir a dor, — anesthesiar, — a região picada.

A cabeça segue-se o thorax, ao qual se ligam tres pares de patas e um par de azas, sendo estas ultimas atravessadas por nervuras, que, partindo da base irradiam para os bordos. A distribuição das nervuras é a mesma nos diferentes generos.

As azas são revestidas de pequenas escamas (Fig. 8 e 9), que se acham dispositas ao longo das nervuras, formando no bordo posterior uma especie de franja, e por sua reunião em alguns pontos mostram á vista desarmada umas ligeiras manchas (Fig. 10), que tem importancia na classificação de certas especies.

As patas, em numero de tres pares, são longas, delgadas e formadas por cinco articulos ou segmentos.

O ultimo dos implantação a duas unhas e no ultimo dos orgãos da reprodução.

Os zoologos dividem os mosquitos ou culicídeos em muitos generos; todavia os que tem mais importancia pelo papel que desempenham na transmissão das doenças são os *Culex* e os *Anopheles*. Com respeito ao ultimo, picando o homem, lhe pôde dar *sezes*, é certo que determinadas especies de *Culex* originam a filariose e podem ser os agentes de disseminação da febre amarella, e parece até que a alguns está reservado papel importante na transmissão da lepra. Isto não impede que seja muito interessante e util saber distinguir o *Culex* dos *Anopheles*, — o que é tarefa facil até para os que não cultivam as ciencias naturaes.

As principaes differenças entre os dois generos encontram-se nas peças do apparelho bucal. No *Anopheles*, tanto macho como fema, os palpos são tão longos como a trompa (Fig. 6 e 7); pelo contrario, no *Culex* os palpos da fema são muito mais curtos que a trompa (Fig. 5). De modo que é facil estabelecer a dissimilhança entre as femas dos dois generos, que é o mais importante, porque são ellas as essencialmente hematophagas, isto é, que se nutrem com o sangue. As pernas do *Anopheles* são muito compridas e delgadas, ao passo que as do *Culex* são grossas e relativamente curtas.

Tambem na maneira como o insecto poisa se pôde procurar um meio de distinguir os dois generos. Ambos elles, quando possiados, apoiam-se de ordinario nos dois primeiros pares de patas e conservam o terceiro erguido, mas a linha do corpo, que nos *Culex* occupa uma posição sensivel-

mente paralela ao plano de apoio, nos *Anopheles* é que quasi perpendicular a esse apoio.

Na phase de *larva* é ainda facil distinguir os dois generos pela maneira como vem respirar á superficie da agua. As do *Anopheles* (Fig. 1), cujo apparelho respiratorio se abre por pequenas orificios, — os *stigmias* — na face dorsal do corpo, precisam para respirar de collocar-se horizontalmente. As do outro genero (Fig. 2), como possuem um tubo respiratorio, a cuja extremidade se vem abrir os estigmas, — tubo que fica na ultima porção do corpo, tomam para respirar uma posição quasi vertical em relação á superficie da agua.

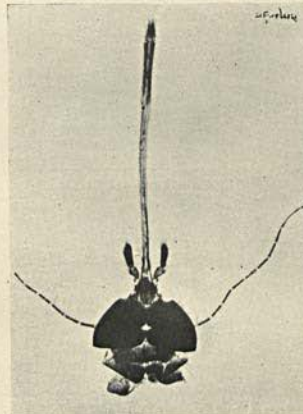


Fig. 5. — Cabeça de *Culex pipiens* fema

Tambem na maneira por que se dispõe os ovos, os dois generos mantêm differenças apreciaveis. Os ovos do *Anopheles*, que tem a forma aproximadamente ovoide, collocam-se verticalmente uno ao lado dos outros, os do *Culex* dispõem-se horizontalmente e são munidos de apparelho hidrostático especial.

Nas visitas que fizemos aos sitios de Portugal onde abundam as *sezes* encontramos sempre o *Anopheles claviger* (Fig. 3), e até em certos pontos, como em Canha, foi esta a unica especie de mosquitos que vimos. No grande numero colhido, sem escolha, não havia um unico *Culex*.

Na costa occidental da Africa os nossos collegas, que fizeram parte da missão de estudo da *doença do sono*, tiveram occasião de observar um facto analogo.

Em Caxito, no Alto Dande, sitio onde o paludismo se desenvolve extraordinariamente, um indigena encarregado de colher mosquitos, e que não sabia distinguir o *Culex* do *Anopheles*, só conseguiu apanhar numerosos exemplares d'esta ultima especie. O illustre director do Real Instituto Bacteriologico de Lisboa Dr. Annibal Bettencourt, que os estudou, viu que todos pertenciam ao *Anopheles costalis*, O dr. Ayres Kopke, que se occupou no estudo de numerosos exemplares de *Anopheles* da ilha de S. Thomé, só encontrou o *A. costalis*.

A fig. 10 representa a aza curiosamente maculada d'esta especie africana.

Na grande collecção de mosquitos do continente examinada e estudada no Instituto Bacteriologico de Lisboa apenas se tem encontrado o *claviger*. Ultimamente porem um medico muito distincto, o Dr. Carvalho de Figueiredo achou, além d'este, em Loures tambem o *bifurcatus*.

Acerea do modo de ser dos *Anopheles* mencionaremos que as suas larvas vivem de preferencia nas aguas estagnadas, limpidas ou não, e onde haja abundancia de vegetação. De ordinario, não se encontram nas aguas agitadas, ainda que levemente, por correntes, ondulações ou outras causas, e nas privadas de ervas. Só excepcionalmente ali apparecem alguns individuos isolados. Tambem não vivem nas aguas salgadas, nas sulfurosas e nas dos tanques de curtir linho, ao contrario do que succede aos *Culex*, que têm grande preferencia por estas ultimas.

O *Anopheles* no estado de insecto pernoite ou alado é de habitos noturnos. Durante o dia permanecem no dentro das habitações, ou nos maccios de verdura; e logo que se cerca a noite, saem dos seus retiros para assaltar os animaes e o homem. Nos locaes palustres encontramos as femas em enorme quantidade, com o abdomen cheio de sangue, nas cavallarias, curras e coelheiras, onde se refugiam de dia. Mal o sol desaparece no horizonte, veem-se os *Anopheles* sair dos esconderijos em columna cerrada e dispersa-se a procurar a alimentação, a qual para as femas consiste na sucção do sangue. Aos machos basta a alimentação vegetal, para a qual estão conformados os seus orgãos bucaes.

Tendo assim travado conhecimento com o animal que, infectando-se nos *Anopheles*, pôde infectar, nestas occasiões expor o plano de campanha offensiva e defensiva contra tão impertinente inimigo.

Do que decorre resulta a necessidade de precauções de nos prevenirmos, dentro dos limites do possivel, contra as *sezes*.

Precisamos, em primeiro lugar, evitar a mordedura dos mosquitos, e em segundo lugar procurar os meios mais efficazes para os destruir.

Para evitar as mordeduras muitos alvitres tem sido aconselhados. Insistiremos sobre os que se nos aguram mais praticos.

A vida ao ar livre nas regiões infestadas de mosquitos malaricos, deve limitar-se ás horas do dia. Tanto quanto possivel devem evitar-se as saídas á noite, e a exposição ao sol. E' a essa hora, como já vimos, que a grande maioria dos *Anopheles* deserta dos seus abrigos á busca de alimentação. E' certo que tem sido aconselhado o uso de mascaras, de luvas, etc., mas todos esses meios são tão incommodos para quem precisa trabalhar, sobretudo em paizes quentes, que a sua utilidade é fraca ou nulla na pratica. A experiencia feita em empregados de linhas ferreas na Italia demonstrou-o cabalmente. Todos se recusaram a usar a mascara e as luvas por extremamente incommodas.

De mais facil emprego são as medidas a empregar dentro das habitações, e das janelas e portas devem ser munidas de redes metallicas, de malhas bastante finas (de 1mm 50 a maximo) para que não deixem passar os culicídeos. Estas redes, que não impedem uma boa ventilação, dão todas as garantias de defesa desde que haja certo cuidado.

O uso dos mosquiteiros nos leitos é indispensavel, devendo ser feitos de modo, é claro, que impeçam a entrada de qualquer mosquito. Para isso devem ser tecidos de malhas bastante apertadas. São preferiveis os mosquiteiros quadrados, dispostos de forma, que não introduza a rede por baixo do colção, evitando pregas e ficando sufficientemente tensa para permitir a livre circulação do ar.

Se porém com esta disposição é mais difficil a penetração de qualquer mosquito no interior, é relativamente facil serem picadas as partes do corpo em contacto com a rede. Para obviar a estes inconvenientes, costumam tans mosquiteiros possuir na parte inferior um tecido resistente, para impedir que a trompa do mosquito chegue ao individuo.

Menos praticos talvez, mas muito mais convenientes seriam os mosquiteiros, que fossem amplos bastante para ter no seu interior a cama e a mesa da cabeceira, e cujas paredes ficassem bastante distanciadas do

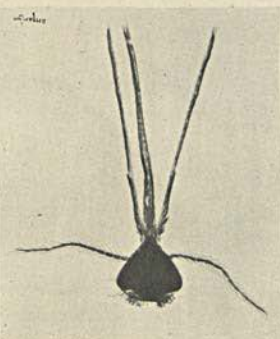


Fig. 6. — Cabeça de *Anopheles Claviger* fema



# A visita do Rei de Hespanha a Lisboa

Notas e "Croquis" humorísticos

POB

Celso Ferminio



A Avenida... liquida na noite do fogo. (Do natural)



— Aonde vaes de *Manton de Manilha* y de *vestido chinés*!  
— Vou ao Rocio ver o rei de Hespanha y *las iluminaciones* despúis...



A Hespanha symbolisada nas *iluminaciones* minhotas da Avenida



Ideia genial de Antão Braz para ver o fogo e as *iluminaciones* sem molhar a cabeça... e os pés!



Los *pueblos hermanos* y su... *mamita*





— V. Ex.ª quer que sirva o assado antes ou depois do peixe?  
 — Sere' antes... o D. Quichote.  
 — ?!



**Depois da festa**  
 Quem lucrou mais com a visita do rei de Hespanha?



**As Festas**  
 Por fóra cordas de viola... Por dentro dôres de barriga...



**O Frio**  
 Uma geleira do polo Norte... no Pelourinho



**O Calor**  
 Sabindo a temperatura do entusiasmo,  
 derreteu o cebo dos copinhos e dos balões. Cebo!



corpo. O uso do mosquiteiro deve generalisar-se tanto mais, quanto sendo o meio de evitar a infecção, é por isso o mais seguro de impedir o contagio.

Quando haja necessidade de ficar-se fóra das habitações, em pleno

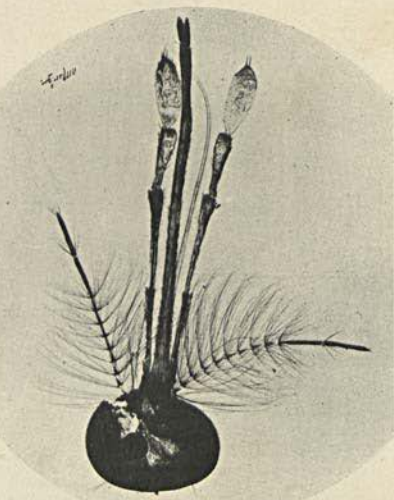


Fig. 7. — Cabeça de *Anopheles claviger* macho

campo, convem escolher para dormir plataformas a quatro ou cinco metros do solo. D'esta forma conseguiram escapar ás picadas dos mosquitos os engenheiros que trabalharam na abertura do istmo de Panamá.

A destruição dos mosquitos é, como pode imaginar-se, um dos meios mais illusorios de defesa contra as sezões. Se a extinção das larvas é relativamente facil e pode dar resultados apreciaveis, outro tanto não succede na exterminação do insecto perfeito, que custa muito mais a obter-se e nunca de um modo completo.

Sempre que fór possível, devem-se povoar de peixes os depositos de agua o ide abundancia larvas, porque os peixes devoram-nas com avidéz. Quando porém se der a impossibilidade de tão effizaz remedio, convem promover o movimento continuo da superficie aquosa, o que obstará á transformação das larvas em insecto perfeito e ao deposito dos ovos.

Para extinguir as larvas ha tambem um processo valioso, que consiste em espalhar á superficie dos depositos de agua substancias oleosas, como o azeite e o petroleo, que as matam impedindo-as de respirar. Este meio é na realidade bastante pratico, porque o oleo, até em fina pellicula, produz o resultado deseado. Basta haver o cuidado de renovar a operação todas as semanas, porque as larvas gastam esse tempo em passar ao estado de nimphas.

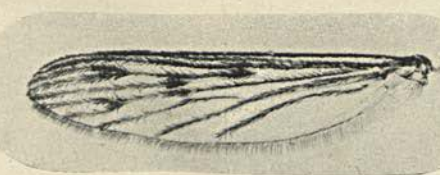


Fig. 8. — Aza de *Anopheles claviger*

Obtem-se uma camada uniforme, agitando á superficie da agua, em varias direções, um panno embebido em azeite. As aguas, assim tratadas, continuam a servir para alimentação do gado, etc.

E' claro que este processo de lucta contra os mosquitos será demasiado ineffaz, por inexecutable em grande parte nas regiões onde os pantanos attingem muitos kilometros de extensão, como succede na Africa.

Não se dão porém na Europa as mesmas circumstancias, e por isso mais facilmente se pode tentar aqui a destruição das larvas dos culicideos, já pelo meio acima indicado, já recorrendo-se ás cores de anilina, algumas das quaes, ainda em fraca proporção, as matam, mantendo-se a sua acção durante bastante tempo.

Entre estas ha tres, que a experiencia demonstrou muito effizazes: — o verde de malachite, o gallol e o larvicida. Estas substancias, relativamente baratas, diffundindo-se com extrema facilidade e conservando as suas propriedades durante mais de dois mezes, tem a vantagem de ser inoffensivas para o homem e os outros mamíferos, e não causar prejuizos ás plantas.

E' pois digno de recommendação o emprego d'estas substancias na destruição das larvas dos culicideos, nos depositos de agua que por sua extensão não possam ser esgotados ou suprimidos.

Como as larvas do *Culex* vivem de ordinario em pequena quantidade de agua suja, convem supprimir na visinhança das habitações todos os cacos, garrafas partidas, emfim tudo quanto possa formar diminutos depositos de agua. Para acabar com as dos *Anopheles*, que exigem, como temos dito, outras condições, deve promover-se a dessecção dos charcos, o que se consegue de varios modos: — enchendo-os de terra, drenando-os, etc.

Em Portugal, salvo raras excepções, estes singellos meios de guerra ao mosquito serão de facil execução.

Para a destruição do insecto alado tem-se recorrido a muitas substancias, das quaes as mais empregadas são o pirethro e as flores do chrysanthemo da Dalmacia. A combustão do pó d'estas substancias afugenta com segurança os mosquitos.

De um producto que ha no commercio, — a *sanzolina*, — mistura de larvicida, flores de chrysanthemo e raiz de valeriana, se se queimarem uma ou duas colheres á noite n'um quarto de 36 a 40 metros cubicos, os mosquitos adormecem até de manhã.

O principal meio de prophylaxia do paludismo é difficultar senão extinguir, sendo possível, as condições de vida dos culicideos propagadores do mal.

Muito antes das acquisições scientificas que lançaram o combate das sezões em moldes de uma singellessa e precisão admiraveis, já se procedia a melhoramentos hygienicos que conduziam á extinção dos mosquitos.

Por vezes succede que esses melhoramentos são naturaes, e n'estes ainda o seu exito está ligado á desaparição dos *Anopheles*. Assim, por exemplo, em Sinigaglia (Italia) surgiu ha annos uma epidemia malarica, circumscripta a um suburbio situado ao longo de um canal que liga o Misa ao mar, fazendo-se sentir principalmente no estiu, em que o leito do canal estava cheio de terra; como a agua do mar não podia subir francamente pelo canal, estagnava aqui e alem em poças. No outono de 1897 chuvas torrencias ampliaram o leito do canal e fizeram desaparecer os charcos; e no verão de 1898, em que o mar subiu sem difficuldade o canal, cessaram totalmente as febres, os mosquitos abalaram de vez, deixando finalmente em paz os pobres habitantes que tinham atormentado por espaço de annos.

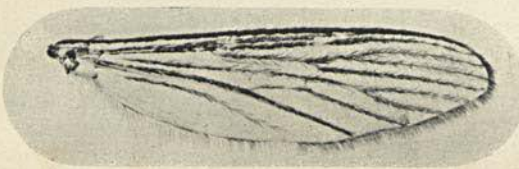


Fig. 9. — Aza de *Culex*

Os melhoramentos hydraulicos artificiaes são todavia os mais proficuos e importantes. D'entre os mais antigos e effizazes destacam-se o enxugamento dos paúes e charcos por meio da drenagem, e a canalisação das aguas dos terrenos. Qualquer d'elles supprime as condições de vida dos insectos inoculadores da infecção.

Quando o terreno é inferior ao nivel do mar, obtem-se o enxugamento por meio de machinas. E' o caso dos *polders* da Hollanda.

A par dos hydraulicos ha tambem a mencioner os melhoramentos agricolas. A plantação de diversas especies de eucaliptos, tas como o *globulus*, *australiensis*, *rostrata*, produz o enxugamento dos terrenos.

Os bosques são tambem magnificos agentes de melhoramento, quando plantados em collinas ou montes, circundando planicies insalubres e actuam disciplinando o curso das aguas. Pelo contrario, na planicie os bosques offerecem excellentes condições para o desenvolvimento e vida dos mosquitos.

A cultura intensiva do solo é igualmente util pelas vantagens economicas e hygienicas. A do arroz, porém, exigindo a submersão do terreno, não devia fazer-se em regiões sezonaticas. A intermittença da submersão não é menos perigosa, pois está demonstrado que as larvas e nimphas vivem em terreno mais ou menos humido, as nimphas até em terrenos enxutos, onde os ovos dos culicideos resistem durante muitos dias.

Bastantes factos tem demonstrado que a lucta contra o mosquito é a base da prophylaxia do sezonismo. D'entre elles apontaremos este: — os inglezes conseguiram realizar na Serra Leoa com o melhor resultado e pouco dispendio o saneamento dos locais invadidos pela malaria.



Para conseguir esse fim organizaram brigadas de indígenas encarregados de eliminar tudo o que pudesse ser abrigo de larvas de encefalozoides. Uma foi destinada à supressão de todos os pequenos depósitos de água, onde as larvas do *Culex* vivem habitualmente, a outra tinha por fim a extinção ou benevolência das lagoas e pantanos onde reina o *Anopheles*. Os resultados não se fizeram esperar, e devem animar todos os que tem em alguma conta a hygiene e a economia social.

O tratamento é um dos mais poderosos elementos na luta contra o sezoniismo.

Destruir pela quinina no sangue dos paludados o hemospório que causa a doença e diminuir a probabilidade do *anopheles* se infectar, e portanto de a transmitir às pessoas sãs.

O sábio alemão Koch conseguiu libertar do paludismo um dos pon-



Fig. 10. — Asa de *Anopheles costalis*

tos mais insalubres da Nova Guiné, Stephansort, procedendo ao rigoroso tratamento dos doentes e à prophylaxia pela quinina nos sãos.

Como prophylaxia ou meio preventivo, a quinina deve ser administrada do seguinte modo: 1/2 a 1 gramma de quatro em quatro ou de seis em seis dias, segundo se tratar de localidades de malária grave ou de média. Deve iniciar-se este tratamento a contar do terceiro dia de chegada ao local. Manifestando-se, como se costuma de ordinario manifestar depois de uma incubação de cinco a seis dias, estabeleceram-se sobre estes dados as regras a seguir na prophylaxia da doença. No sentir de Koch as doses inferiores a 1/2 gramma são inúteis.

A quinina deve tomar-se à noite para se evitarem as perturbações que pode provocar.

Foi também posta em pratica, com excellentes resultados, em 1901 pelo sábio Grassi a prophylaxia pela quinina associada ao ácido arsenioso. Tendo-se inaugurado em Ostia uma colonia socialista que começou desde logo a soffrer horrososamente da malária, Grassi escolheu-a para fazer os seus ensaios com o *Esoanopheles* (quinina, citrato de ferro, ácido arsenioso e extractos amargos), e as suas tentativas foram coroadas do me-



Fig. 11. — Povoação de Caxito (Alto Danie) Africa Occidental

lhor exito. Ostia saneou-se; tendê a renascer o velho Ostium, a cidade predilecta dos imperadores, que a terrível malária havia reduzido a um montão de ruínas.

Para se avaliar os bons efeitos do modo de preservação ensaiado por Grassi na colonia socialista *Ravenate*, basta dizer-se que em certo ponto foram tratadas pelo *esooanopheles* 60 pessoas e outras tantas não tomaram o medicamento. Das primeiras quasi todas ficaram indemnes, e as outras tiveram *todas* paludismo.

A desinfectão do sangue pelos saes de quinina e o uso d'este medicamento como preventivo, dá pois excellentes resultados.

Tendo os progressos da sciencia demonstrado que o paludismo é uma moléstia contagiosa, deve proceder-se ao isolamento dos enfermos, subtrahindo-os à acção dos mosquitos.

Celli observou na Italia que nas habitações protegidas pelas redes metálicas, a malária não dava epidemias familiares, e que a cura e convalescência dos enfermos se fazia tão bem como em locais salubres.

Deve-se, pois, recorrer ao isolamento dos sezoados pelo menos nas horas perigosas (tarde e noite) em casas sem mosquitos.

Finalmente é necessario não esquecer que os cuidados da hygiene geral são muito para recomendar, porque darão ao organismo a resis-

cia necessaria. Alimentação e repouso sufficientes, agua potavel e purificada por filtração ou fervura, são meios que contribuirão poderosamente para auxiliar as medidas que expozemos.

Quanto ás bebidas alcoholicas, que em pequena quantidade são uteis, em excesso são perigosissimas. Longe de ser, como em tempo se pensou, uma maneira de evitar as sezões, predispõem os que d'ellas abusam para as formas cerebraes. As bebidas alcoholicas foram proscriptas no exercito inglez em campanha, e esta medida deu os mais excellentes resultados.

Como acabamos de ver, as modernas aquisições scientificas deram ao combate do sezoniismo recursos de uma efficacia, que cada dia mais se accentua.

Sendo certo que os locais paludosos são por via de regra os mais ferreiros, pode avaliar-se qual o alcance economico que tem tão admiraveis descobertas.

Agosto, 1903.

CARLOS FRANCA.

## LIVROS

### O Paço de Cintra

E' assignalado, superior a todo o elogio, o serviço que o sr. conde de Sabugosa acaba de prestar ás letras nacionaes e á historia archeologica do seu paiz. Tanto como uma obra de arte, *O Paço de Cintra* é uma obra de patriotismo. Livros como este engrandecem o nosso orgulho de raça, elevam nos no conceito dos outros, desforçam nos e resgatam-nos de tantas coisas más ou mediocres que, ora fazemos, ora applaudimos.

Volume de largo formato, saído das officinas da Imprensa Nacional, é um primor sob o ponto de vista plastico. Tendo-o é, da primeira á ultima pagina, um encanto. Consoa-se e delicia-se a alma quando se percorrer essas trezentas paginas, em que um artista de raça, um escriptor que tantas qualidades de prosador expulso empalpa por todas ellas, deixa correr como um fio de ouro a historia d'esse velho paço, em que viveu todo o passado de Portugal, em que se deram tantas aventuras de amor, sob cujos tectos se desfiaram paginas e paginas de aventuras romanticas, em que foram heroes e heroínas os reis e as rainhas de Portugal. E ao mesmo tempo quantos ideaes de gloria allustriada dentro d'aquellas paredes, quantas dôres curtidias á alma aquellas velhas salas, quantas tragedias, quantas epopéas, quantos martyrios! Tudo isso descreve com tintas finas, n'uma arte impeccavel, o sr. conde de Sabugosa, que por este alto serviço bem merece o reconhecimento do seu paiz.

Accresce ainda, para valorização e engrandecimento da obra, que o espirito observador e delicado da rainha sr. D. Amelia perpassa por muitas d'essas paginas atravez de desenhos firmados pelo seu augusto nome, que bastariam só elles para a consagrar artista, tal a finura do traço e o rigor da observação, o primor do desenho. Com a vênia de S. M. esperamos dentro em pouco, dar n'estas paginas, a reprodução de algumas das suas primorosas illustrações de *O Paço de Cintra*.

Casanova e Lino confirmam tambem o seu valor de illustradores emeritos, enriquecendo com muitos desenhos este livro precioso, dos mais elevados e uteis que ha muitos annos se publicam em Portugal, e cuja offerta gentili agradecemos ao sr. conde de Sabugosa.

### Contos novos

Deliciosos e adoraveis são estes contos que acabam de apparecer reunidos em um elegante volume da casa Tavares Cardoso. Firma-os Henrique de Vasconcelos, que aos seus titulos de escriptor e artista não precisava accrescentar este, porque formosos trabalhos litterarios, em verso e prosa, os tem fartaemente documentado.

Comtudo, os *Contos novos* pela arte que revelam, pela espontaneidade da linguagem, pelo encanto do dialogo, pela delicadeza das concepções e *reusits* da execução, valorisam, por assim dizer, o nome e a obra do artista, consagram-n'o de vez, e dão-lhe um lugar á parte entre os contistas portuguezes, que n'este ramo difficil da litteratura, maior renome e mais gloria tem conquistado.

A dedicatória amavel do seu livro agradecemos-l'h'a.

### Livro de Leitura para as Escolas de instrucção primaria

Tres voluminhos adoraveis estão já publicados. Um para a primeira classe, outro para a segunda, o terceiro e o ultimo para a quarta.

Foi preciso que tres escriptores, que são ao mesmo tempo tres artistas, se reunissem para organizar o livro de leitura, de que as creanças precisam, que, sem as fatigar, lhes educa o espirito, entreendo-as, que recreando-as, aguçando-lhes a curiosidade, inoculando-lhes a sciencia n'uma diluição da arte, que em vez de as molestar as encanta.

Se querem a prova de que para tudo a materia prima é o talento tem-na aqui. D. João da Camara, Raul Brandão e Maximiliano de Azevedo, poetas e escriptores de theatro, lembram-se um dia de escrever historias para creanças, de lhes contar contos, de lhes dizer por fórma pittoresca, como se faz o pião, como se faz uma casa, porque é que a terra é redonda, para que serve a hygiene, como se forma a luz, que a terra é sardinha, quem foi Vasco da Gama e Castilho e João de Deus e o marquez de Pombal, e ninguém lhes diz tudo isto, ás creanças, melhor do que elles; ninguém se lhes insinúa como elles no espirito, ninguém com mais simplicidade e mais arte propria desbanca e põe de parte os velhos pedagogistas massadores e caturras.

Por isto a approvação do Livro de Leitura foi um acto de justiça, como são uma justa homenagem as palavras que acabamos de escrever.



# Theatros

**D. Maria** — Um serão nas Laranjeiras — **D. Amélia** — A Resurreição

Tinha talento para mais e consciência d'escritor para melhor o autor de *Um serão nas Laranjeiras*, agora representado em **D. Maria**.

Vossa Magestade que tudo pode — disse o papa a Luiz XIV, depois de lhe ouvir um soneto defestavel — qui mostrar que tambem podia fazer mais versos.

E' o que nós todos tinhamos vontade de dizer ao sr. Julio Dantas depois da audição da sua peça. Escutando-a temos a impressão de que ella foi obra de um espirito. De um acto de consciencia litteraria, não; de inspiração ou de talento menos ainda, porque dentro d'estes tres actos arrastados não ha uma ideia, não ha um achado, não ha coisa que desperte um interesse qualquer. Não é uma photographia nem é uma caricatura, não é uma comedia nem é uma charge. Não é mesmo o desenho de uma época, nem de uma sociedade fina, porque bem desgraçada seria aquella em que todos os maridos fossem... passaculpas e todas as mulheres estivessem prostitutas. A analyse de um scandalo conjugal artisticamente velada e litterariamente conduzida. Uma outra scena de galanteio com consequencias, poderia talvez salpiçar de graça, por um requinte de fino gosto na acção theatral que o autor escolhesse. Mas fazer constituir essa acção por scandalos apenas, com o unico merito de o serem, deixando ver o intuito unico de os explorar, tornar cumplice em todos elles uma sociedade inteira, fazer theatro de todo esse desbragamento e Saio das Laranjeiras, o mais artistico e elevado que existiu em Lisboa, como se aquelle que por tanto tempo dirigiu a elegancia, o espirito e a moda, fosse o agente, o corrector de toda essa dissolução, ahí está um caso que não é facil classificar, porque um poeta delicado, um espirito agudo e fino como o sr. Julio Dantas, devia prever o insuccesso de um trabalho tal, que apesar de vir com o seu nome, tão rude se mostrava, tão cheio de arestas e de perigos, que o nosso leitor não seria surpresa para mais ninguém, o insuccesso seria uma consequencia logica, e sem o nome consagrado do autor poderia evitar um desastre.

Diz-se-ha em defesa que o publico se doo quando lhe põem o dedo na ferida e como lhe doe, vinga-se. Egrasso, puro egrosso. Mais do que em qualquer outro campo, no theatro em todas as feridas se pode pôr o dedo, mais com arte. Chagas cancerosas se podem trazer á superficie, escancarando-as ao publico, e contando, tal arte, tal *travail faire* deve o escritor empregar n'essa exposição escabrosa, que os seus visados dos espectadores sejam os mais emocionados, e estes os que mais applaudam por serem os que melhor comprehendem, exactamente como um doente que ao ouvir do medico o diagnostico certo do seu mal lhe dissesse com enthusiasmo e reconhecimento: sim, é isso, é isso mesmo. O sr. Julio Dantas commetteu um erro capital, de que o não absolvem nem este ou aquelle dito feito da sua comedia, que aqui e além põe na bocca do conde, a principal figura da peça, nem o primeiro acto, que é o melhor, porque é uma exposição galante e proporcionada, nem um nome feito, nem triumphos conquistados. Preparai os novos é o que lhe resta agora fazer.

Se este é o caso de enterrar os mortos, não é bem o de cuidar nos vivos, mas sim de preparar com geito os que hão de nascer. Achilles sem calcabar não é Achilles, e não ficará incompleto ou *anapafé*, o sr. Julio Dantas por ter como o seu calcabar de hoje em diante, a sua ultima comedia. Se elle não tivesse o talento que todos lhe temos applaudido, não lhe diriamos isto, convencidos. Mas é que para alguma coisa vale a pena ter talento e ter feito nome. Reconhece-o bem agora o sr. Julio Dantas, que não lê n'esta pagina palavras severas, como já o reconhecerá ao ver o publico refestear-se e coar-se de prazer da sua obra.

No desempenho ha tres papeis que é dever registar e applaudir: o do conde, a que Ferreira da Silva dá uma linha sempre fidalga, o de Fernando

Maia, ao mesmo tempo amoroso, galanteador e tímido, e o de Augusto de Mello, o mais espavento e mexeriqueiro de todos os caballeiros elegantes.

Na scenographia sente-se logo o dedo de Manin. O segundo acto é um primor. Ao relampago do magrocin, a objectiva feliz de Arnaldo Fonseca colhe essa scena encantadora, que hoje reproduzimos. Depois de *O herde do dia*, a desopulente charge franceza, a que o sr. Alberto Braga deu relevo na linguagem portugueza, e que é a mais chistosa de todas as criticas que se possam fazer a politico chodista e a maneira por que conseguem levar aos doctores cargos, em todos os paizes, aos ventolinhas, os inconscientes e os mediocres, deu-nos o **D. Amélia** a *Resurreição*, de Tolstoi, arrejada para o theatro por Bataille.

E' claro que quem lê o famoso romance do grande pensador moscovita tem uma ideia mais util, mais segura, do fim moralizador que elle pretende alcançar, do problema que expõe e resolve. No livro de Tolstoi é a obra do psychologo que predomina, é uma alma que se estuda, é uma vida interior que se dissecna e analisa. Para-se ao mesmo tempo um diagnostico normal, procura-se um lado do quadro da alma e cura-se pela imposição de um devoto da consciencia. E esse dever chega onde não chegam os codigos. Em nome d'elle um homem despoja-se de tudo o que para todos constitue a felicidade e o que reputa o seu crime lava-o com o sacrificio da sua existencia e a abnegação do seu ser. Deshonra uma pobre rapariga innocente que de roldão em roldão se deixa depois d'isso arrastar a todas as ignominias e a todas as misérias. Vê-se elle origin de todo esse mal, vê-se que é a mão impulsora de toda essa derrocada. Mais ninguém o sabe, mas sabe-o elle e isso basta, e a alta consciencia, ao fim de largos trabalhos, leva-o a rehabilitar, não pelo amor mas pelo dever, aquella que perdê, a equilibrar com o bem que hoje faz o mal que hontem fez.

E' a benéfica influencia d'esta salutar philosophia que nos emociona ao ler nas paginas santas do livro de Tolstoi. A impressão é bem outra diante da obra theatral do arregador francez. O que ali se absorve e assimila pelo espirito, ora destumbrado ora rendido, aqui interessa nos, fascina-nos ou horroriza-nos, impõe-se nos em summa pelo olhos, pelos sentidos. A acção que no romance é grandiosa, sem apparato, nem *mise-en-scène*, mas simplesmente pela analyse profunda de uma alma, cresce no theatro, para dominar o publico, de todas as exterioridades scenicas, sem as quaes seria incompleto, anti-theatral. E' isso justo é confessar que Bataille foi o collaborador necessario e util. Os quadros de que fez constituir o drama de Tolstoi são preparados com mão de mestre. O primeiro acto, magistralmente delineado, é o ponto de partida de toda essa tragedia de uma consciencia que se vas espalhando pelos actos seguintes. A scena do tribunal, de um realismo cru, a da prisão das mulheres, a da enfermaria, a dos condemnados na Siberia, não deversas scenas theatras que interessam e atrahem a attenção do publico. O que no romance não passa de um episodio, de uma moldura do quadro, no theatro é o proprio quadro, é uma parte integrante da acção, é a vida e a alma de toda ella. E esta simples observação bastará, parece, para marcar a differença radical entre o romance e o drama.

Emerosa se a empresa do **D. Amélia** em pôr a em scena com todas as exigencias que ella reclama. E desde a traducção do sr. Mello Barreto que é emmeradissima, até ao scenario artistico de Augusto Fins, nada faltou á *Resurreição* para o successo que obtve.

O desempenho contou-os os melhores artistas, avultando entre elles Brazão, no papel difficil de principe, sempre sustentado com elevação e grandia, e Adalina Euzas, que manteve os seus creditos de actriz intelligentissima no papel de Maslova. Entram em scena todos os artistas da companhia, e isto revela a orientação de quem dirige o theatro, porque d'esta forma valorizam a scena do tribunal e a da prisão das mulheres, tornando-as encantadoras de realidade e de arte, pela escolha dos artistas que n'ellas entram. Sair dos figurinos francezes e apresentar ao publico de Lisboa obras de theatro que obrigam a pensar, como *O Poder das Trevas*, como *A Resurreição*, como enfim a obra colossal de Ibsen, de Matterick, de todas essas poderosas escriptores do norte, é mais do que um serviço á arte, é uma boa acção e é um serviço ao publico.

JAYME VICTOR.



Scena de Manin no 2.º acto de *Um serão nas Laranjeiras*, a peça do sr. Julio Dantas representada no theatro de D. Maria II, na noite de 24-12-903